

Fazer ninho: artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno

Palavras-Chave: Comunicação-1, Pássaros-2, Antropoceno-3

Autoras:

Larissa de Souza Bellini [UNICAMP]

Emanuely Miranda Nogueira Rangel [UNICAMP]

Dr.^a Susana Oliveira Dias (orientadora) [UNICAMP]

*“Era neblina, hoje é poluição
Asfalto quente queima os pé no chão
Carros em profusão, confusão
Água em escassez, bem na nossa vez
Assim não resta nem as barata (é memo)
Injustos fazem leis e o que resta procês?
Escolher qual veneno te mata
Pois somos tipo
Passarinhos soltos a voar, dispostos a achar um ninho
Nem que seja no peito um do outro”
Emicida, Passarinhos, 2015.*

Diante do Antropoceno, do tempo de catástrofes que vivemos, as narrativas-denúncia e as narrativas-julgamento dominam nossos sistemas comunicantes. Essas modalidades, pensamos com Latour (2014), se caracterizam por falhar em convencer e conscientizar as pessoas. Narrativas que se interessam por uma Ciência (com “C” maiúsculo e no singular); que propagam uma ciência separada da política e que enaltecem uma pedagogia também desconectada da política; e que terminam por reforçar o negacionismo que buscavam combater. São narrativas que não tornam suas respectivas políticas um problema a ser pensado e experimentado junto com os públicos.

É urgente investir em narrativas (imagens, palavras e sons) que se comprometam com a prática do cuidado com a reunião de diferentes perspectivas, que tornem os públicos uma potência criativa da divulgação científica e cultural e que propiciem novas interações entre artes, ciências e comunicações. Além disso, para enfrentar o antropocentrismo que marca a nossa época é preciso afetar as narrativas com os modos de existir mais que humanos. Para isso, investiremos aqui em experimentar na alegria de pensar-pesquisar na companhia dos pássaros inspiradas nos estudos multiespécies realizados por Donna Haraway (2016).

Sentimos que os pássaros nos ensinam a rir diante dos poderes em jogo no Antropoceno. Poderes que envolvem, inclusive, os gestos de nomear Antropoceno; um nome que, para Haraway (2023), traz uma indignação diante “da destruição de espaços-tempos de refúgio para as pessoas e outros seres”, mas não é suficiente para dar expressão aos emaranhados multiespécies em jogo nesses tempos de destruição. Para Haraway, o Antropoceno é um conceito que está fora da terra/Terra e exerce uma “autoridade unificada superior” (2023, p.76). Por isso, a própria autora se arrisca a fazer outras nomeações possíveis: Capitaloceno, Plantationoceno e Chthuluceno. Krenak também traz críticas à nomeação desta era como Antropoceno, que ele reconhece ter “um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno” (Krenak, 2019, p. 29).

Pensamos que os encontros com os pássaros pode ser um modo de gargalhar os contornos dos limites do Antropoceno, talvez não para encontrar um novo nome para o nosso tempo, mas para aprender a dar atenção a um conjunto de práticas coletivas, uma série de encontros entre artes, ciências e comunicações, que pensam junto da terra/Terra e seus entremeios.

Consideramos este voo fundamental para voltar a escutar a terra/Terra como faziam nossas ancestrais e anciãs. Os pássaros são seres que transitam entre diferentes escalas muito rapidamente e são capazes de nos fazer sentir como a terra (solo) e a Terra (planeta) estão intimamente conectados. Não porque essas conexões já sejam dadas ou porque tudo esteja conectado, mas porque o voo é um gesto de abertura de escutas dos pássaros para a criação de conexões interescares e interdimensionais. Voar não é sair da Terra, mas criar com ela múltiplas perspectivas emaranhadas. Desse emaranhamento ativo depende a vida dos pássaros, que envolve: desde a instauração de territórios através de performances artísticas com canto, dança e teatro, ao encontro e cultivo dos alimentos e das águas, o estudo cuidadoso e minucioso da engenharia de materiais, até a construção arquitetônica dos ninhos, a geração e cuidado com novas proles, o encontro de plantas medicinais etc.

Mesas de Trabalho

Para tornar os pássaros companhias de pesquisa e criação temos, em nosso grupo de pesquisa do Labjor-Unicamp, o multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq), inventado uma metodologia de aninhamento através daquilo que Dias (2023) reconhece como “mesas de trabalho”. Trata-se da instauração de um espaço-tempo dedicado à criação coletiva de materiais artísticos e de divulgação científica e cultural que inventam relações com seres mais que humanos: rios, sapos, pedras, pássaros...

A ideia é criar uma mesa rica na disponibilização de diversas materialidades e propostas com finalidade de criar composições com atenção a diferentes seres e forças. Um espaço-tempo em que todos se sintam artistas, criadores, em que aconteça uma produção de conhecimentos e materiais sem as hierarquias e linearidades que caracterizam os modelos tradicionais de comunicação-educação.

Para esta pesquisa desenvolvemos a mesa de trabalho “Criar com os pássaros”. Eles chegam trazendo a força dos ninhos, dos voos, dos pousos, dos cantos e das escutas.

Realizamos duas mesas de trabalho dessa natureza: a primeira no dia 8 de março de 2024 com estudantes recém-ingressantes na pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural do Labjor-Unicamp; e a segunda no dia 26 de maio de 2024, com pesquisadores e pesquisadoras da Rede Latinoamericana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas durante a Residência Artística Perceber-Fazer Floresta II. Em ambos os casos propusemos quatro experiências: 1) a produção coletiva do livro-objeto “Pombo-correio: uma carta para um futuro ancestral”, convidando as pessoas a escreverem com uma pena de pássaro e tinta, a partir da escolha e relação com três materiais diferentes da mesa: obras artísticas com pássaros, textos científicos e filosóficos sobre pássaros e imagens e nomes científicos de pássaros comuns na cidade de Campinas (pombas, beija-flor, sabiás, pardais, maritacas, carcarás, jacus, entre outros); 2) a experiência de criar um ninho com frases (retiradas de vários textos com os pássaros), capins e galhos; 3) a experiência de contemplar um ninho de beija-flor e escutar cantos de pássaros; 4) a experiência de ativar o devir pássaro no próprio corpo, fazendo uma performance com plantas. Aqui nos debruçamos sobre a experiência de fazer ninho.

Fazer ninho: modos de viver junto

O ninho acompanha a vida de um pássaro desde o seu princípio, é um berçário para novas vidas. Dentro dele, as mais variadas espécies começam a existir e perceber como é estar no mundo. Os pássaros despendem tempo e energia a fim de coletar materiais pela terra/Terra e formar um refúgio para seus filhotes. Com o depósito dos ovos, começam a cuidar do ninho. As emas, por exemplo, se agrupam em bandos e têm o macho como responsável pela construção do ninho. “Para nidificar, o macho prepara, numa depressão no solo, uma plataforma de ramos e folhas secas com cerca de dois metros de diâmetro e vinte centímetros de altura, que forra com suas próprias plumas e onde as fêmeas põem os ovos” (Buzetti e Silva, 2005, p. 27).

O fazer ninho é um ato criativo, um ato de atenção às diferenças que existem no mundo. Um estudo publicado na *Behavioural Processes* (2011), mostrou que a arte de fazer ninhos não é inata, é aprendida pelos pássaros. Eles não produzem ninhos a partir de um projeto dado previamente, mas na relação ativa e criativa com materiais existentes, atentos às materialidades e desenvolvendo procedimentos únicos a cada vez. Esse mesmo estudo nos conta que as aves têm uma alta variabilidade na forma de fazer ninho. Os comportamentos de construção não se repetem, como ocorreria caso esse comportamento fosse puramente genético. A cada ninho feito aumentam sua destreza e se tornam cada vez mais competentes fazedores de ninho.

O Laboratório de Biométrica Mecânica e Design Aberto Hunter King pensa o ninho como um “meta-material” (2020), onde funciona uma delicada mecânica de tecer filamentos aleatoriamente embalados, capaz de armazenar energia suficiente para manter juntos gravetos desordenados. Pássaros sabem aprender a colocar materiais heterogêneos para viver junto e ninhos são meta-materiais que contam histórias de um viver junto entre materiais desordenados, sem

homogeneizações e hierarquizações. Aprendemos com os pássaros que criar um viver junto é gerar processos de coabitação e coevolução, que guardam uma potência de nidificação, de aninhar novas vidas.

Experimentando fazer-ninho

Nas mesas de trabalho “Criar com os pássaros” dispusemos dois ninhos de diferentes pássaros, um feito apenas de capins e outros de galhos e argila. Disponibilizamos frases e imagens em folhas de papel recortadas e pedaços de galhos e convidamos as pessoas a fazer ninho. Algumas pessoas se aproximavam apenas olhando e observando cautelosamente, enquanto outras já chegavam tocando e desenvolvendo uma relação tátil com os materiais. Havia muitos modos de chegar à mesa. Logo as tentativas começaram. O primeiro desafio consistia em tensionar a proximidade entre os materiais e fazê-los permanecer juntos. Num primeiro momento, parecia difícil para a maioria das pessoas. Houve uma desistência. No entanto, houve também quem tentasse até conseguir. Aos poucos, os participantes foram descobrindo que havia muitas maneiras de dar forma ao ninho: encaixar, amarrar, recortar, enroscar... De repente, uma cola surgiu na mesa, trazendo consigo a possibilidade de juntar diferentemente os papéis.

Além dos materiais e procedimentos ali articulados, sentíamos a presença das mãos e dos dedos que precisavam ser maleáveis para conduzir a dança do aninhamento. Dedos e mãos eram ferramentas e materiais. Enquanto o cultivo de ninhos acontecia, outros aninhamentos simultâneos também se desenrolaram. Ao redor da mesa, as pessoas conversavam e se aconchegavam umas nas outras. Um casal contou sua história de amor enquanto trabalhava com os materiais, um pesquisador argentino confundiu “fazer ninhos” com “hacer niños” e por um momento deu origem a um episódio cômico entre todos que ali estavam... Logo, muitos ninhos povoaram a mesa. Interessa perceber o que há de comum e as diferenças entre eles. Nota-se a predominância nos ninhos feitos de um formato circular com um buraco no centro. Entre as diferenças, admira-se as múltiplas combinações entre materiais, as variedades de tamanhos, as tantas estéticas... Não restou dúvidas de que há muitas formas de aninhar e essa prática dispensa padrões e determinações.

Conclusões

Fazer ninho tem a ver com o esforço de aproximar o improvável. Ao coletar os materiais pela terra/Terra, os pássaros experimentam compor com elementos que não estão dados como juntos e tensionam a proximidade entre eles. Ao aprender com os pássaros, nos inspiramos a fazer o mesmo, não reproduzindo o que fazem, mas fazendo juntamente. Podemos, então, arriscar aproximações entre artes e ciências, naturezas e culturas, humanos e não humanos, saberes acadêmicos e saberes ancestrais, narrativas e imagens.

É possível observar que no ninho se manifesta uma ética do cuidado. Ele se consagra como um lugar seguro para o começo da vida, para a continuação e o fortalecimento da mesma. Fazer ninho significa, antes de tudo, cuidar e engajar o corpo em um compromisso com a vida. Enquanto a lógica neoliberal promove o individualismo, o esquecimento do corpo, e o Antropoceno fomenta uma

centralização do humano em si mesmo, os pássaros ensinam um modo de existir que difere fortemente daquele que tipifica estes tempos.

Referências Bibliográficas

- BUZETTI, Dante; SILVA, Silvestre. **Berços da vida: Ninhos de aves brasileiras**, 2005.
- Dias, S. (2023). **Um caminhar multiespécies: mesas de trabalho como modos de habitar artes, educações e comunicações diante do Antropoceno**. Revista Digital Do LAV, 16(1), e12/1–22. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1983734884146>. Acesso em: julho de 2024.
- HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 184 p. Tradução de: Pê Moreira.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno**. São Paulo: N-1 Edições, 2023. 364 p. Tradução de: Ana Luiza Braga.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 29.
- Latour, B. (2014). **Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno**. Revista De Antropologia, 57(1), 11-31. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87702>. Acesso em: julho de 2024.
- MOURA, Gabrieli Fernandes de; MARTINS, Valeska. **PADRÃO DE ATIVIDADES DA CORUJA-BURAQUEIRA, *Athene cunicularia* (AVES, STRIGIFORMES) DURANTE O PERÍODO REPRODUTIVO**. REVISTA BIODIVERSIDADE, Mato Grosso, ano 2022, v. 21, n. 1, p. 58-67, 9 abr. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/13627>. Acesso em: julho de 2024.
- NASCIMENTO, Eduardo Frizi; FERNANDES, Marcelo dos Santos; PEREIRA, Marcio. **ASPECTOS DA ECOLOGIA COMPORTAMENTAL DA NIDIFICAÇÃO E DA ESTRUTURA DOS NINHOS DO BEM-TE-VI (*Pitangus sulphuratus*)**. Nucleus, p.77-86, 12 jul. 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4032339>. Acesso em: julho de 2024.
- PASSARINHOS**. Intérprete: Emicida e Vanessa da Mata. Compositor: Emicida. Youtube: VEVO, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJcmLHjjAJ4>. Acesso em: julho de 2024.
- WALSH, Patrick T; HANSELL, Mike; BORELLO, Wendy D; HEALY, Susan D Healy. **Individuality in nest building: do southern masked weaver (*Ploceus velatus*) males vary in their nest-building behaviour?**. Behavioural Processes. Volume 88, Issue 1, September 2011, Pages 1-6. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0376635711001252>. Acesso em: julho de 2024.
- WEINER, N.; BHOSALE, Y.; GAZZOLA, M.; KING, H. **Mechanics of randomly packed filaments —The “bird nest” as meta-material featured**. Journal of Applied Physics. feb. 2020. Disponível em: <https://aip.scitation.org/doi/full/10.1063/1.5132809>. Acesso em: julho de 2024.